

## LITERATURA (INFANTOJUVENIL) INDÍGENA NO AMAZONAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE O LIVRO *PURATIG – O REMO SAGRADO, DE YAGUARÊ YAMÃ*

*Data de aceite: 01/02/2024*

**Alex Viana Pereira**

Doutorando em Letras: Estudos Literários  
pela Universidade Federal do Paraná –  
UFPR

**RESUMO:** O objetivo deste estudo é tecer breves considerações sobre a obra “Puratig – o remo sagrado”, de Yaguarê Yamã. Publicado pela primeira vez em 2001, supomos que o referido livro inaugurou a literatura infantojuvenil de autoria indígena contemporânea no Amazonas. A publicação busca resgatar as mitologias do povo Saterê-Mawé e adapta-las para crianças e jovens, numa tentativa estratégica de fazer com que esse público, tanto indígena como não indígena, (re)conheça essas histórias e não as deixem desaparecer com o tempo e a morte dos anciões que são os principais portadores desses conhecimentos milenares. Além dessa obra, Yaguarê Yamã já publicou, tanto individualmente quanto em parceria com outros autores/as, cerca de 35 narrativas, a maioria classificadas como infantojuvenis, algumas com destaque no âmbito nacional e internacional. Assim, observamos que a produção de uma literatura infantojuvenil de autoria indígena

no Amazonas é uma realidade que vem a cada dia sendo construída, configurando um campo literário diversificado que vem conquistando um espaço no mercado editorial. Para a realização deste trabalho, fundamentamo-nos nas pesquisas de Graça Graúna (2013), Simões (2013), Delma Sicsú (2019), entre outros estudiosos da área.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura infantojuvenil indígena; mitologias; Amazonas.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Oliveira (2021) divide o surgimento da literatura produzida pelos povos indígenas brasileiros em dois momentos. O primeiro diz respeito aos Livros da Floresta produzidos no âmbito das escolas diferenciadas indígenas que surgem por volta dos anos 1970; o segundo, se refere aos livros publicados por editoras comerciais, desde a década de 1990. Nesse ínterim, a literatura indígena contou ainda com três momentos impulsionadores, a saber, o Movimento indígena de 1975, que possibilitou o caminhar dos povos autóctones de forma mais sistemática rumo à reivindicação de seus direitos,

inclusive o direito à literatura; a Constituição de 1988 que reconheceu (pelo menos em tese), graças à luta e organização de lideranças e intelectuais indígenas, uma educação escolar diferenciada aos povos originários; e a Lei 11.645/2008, que tornou obrigatório o estudo da temática afro-brasileira e indígena em sala de aula, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história<sup>1</sup>.

O novo milênio foi marcado por uma avalanche de livros de autoria indígena direcionados, sobretudo, as crianças e jovens, tanto indígenas como não indígenas, numa tentativa estratégica de manter a memória coletiva, línguas e sabedorias ancestrais dos povos originários vivos, principalmente as narrativas tradicionais orais, como os mitos cosmogônicos e de origem, que refletem grandemente na organização social e no entendimento de mundo dos filhos e filhas dessa terra.

Nessa direção, se encontra Yaguarê Yamã, considerado um dos pioneiros da literatura indígena no Amazonas, desde que publicou a obra *Puratig – o remo sagrado*, em 2001. Diante disso, neste trabalho, propomo-nos a tecer breves considerações sobre este livro inaugural, buscando evidenciar sua importância para o surgimento da literatura indígena produzida no Amazonas e destinada as novas gerações. Embora considere sua produção literária como “contação de histórias” (GRAÚNA, 2013), pois também escreve para adultos, Yaguarê Yamã enxerga a literatura infantojuvenil como um campo fértil para dialogar com a sociedade hegemônica a partir de sua base e desfazer visões preconceituosas sobre as nações indígenas<sup>2</sup>.

Tendo isto em mente, dividimos este trabalho em duas partes. Na primeira, discorreremos brevemente sobre como a literatura infantojuvenil de autoria indígena surgiu paralelamente à de autoria não indígena no Amazonas. Na segunda parte, apresentamos as nossas considerações sobre o livro *Puratig – o remo sagrado* (2001), de Yaguarê Yamã.

## LITERATURA INDÍGENA PARA CRIANÇAS E JOVENS NO AMAZONAS

A publicação de obras infantojuvenis ainda é um processo muito recente no Brasil, especialmente, as de autoria indígena. No Amazonas, Simões (2013) diz que o livro amazonense mais antigo destinado a crianças e jovens é o da autora não indígena Astrid Cabral, chamado *Zé Pirulito*, publicado em 1982. Antes disso, a existência de livros infantojuvenis no Estado era quase inexistente, principalmente os produzidos por autores indígenas.

Na mesma linha, Sicsú (2019) ressalta que essa realidade começou a mudar, sobretudo, a partir de 2001 quando autores como Elson Farias, Tiago de Mello, Vera do Val, Zemaria Pinto e outros, que além de escreverem para adultos e já terem um trabalho consolidado, também passaram a se dedicar a escrever para crianças e jovens, abrindo as

---

1 Cf.: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm)

2 Cf.: <http://www.revistaacrobata.com.br/julie-dorrico/entrevista/o-homem-materialista-perdeu-a-dimensao-mistica-entrevista-yaguare-yama>

portas para a literatura infantojuvenil no mercado editorial e influenciando o surgimento de novos autores no Amazonas, inclusive alguns indígenas, como enfatiza a estudiosa:

Desde 2011 até os dias atuais, surgiu no mercado editorial amazonense uma leva de produções literárias voltadas para o público infantojuvenil. Isso não significa dizer que, antes, não houvesse literatura escrita para esse público específico. As produções literárias para esse público existiam, mas de forma muito tímida. Contudo, a partir de 2001, quando o escritor amazonense Elson Farias lançou a coleção *Aventuras do Zezé na Floresta Amazônica*, observa-se que muitos escritores, inclusive alguns indígenas, têm se dedicado a escrever para crianças e jovens [...] (SICSÚ, 2019, p. 149).

Ainda de acordo com a pesquisadora, a principal justificativa destes autores para explicar a decisão de escrever para os infantes partiu do pressuposto de não se ter livros desse gênero no mercado editorial produzidos por escritores amazonenses que falassem de pessoas, de temas e da região amazônica. Diante disso, buscando trazer um novo olhar sobre o espaço amazônico e planejando suprir a carência de livros destinados às crianças e jovens no Amazonas, muitos escritores passaram a escrever para esse público. Desta maneira, a literatura infantojuvenil amazonense surge “tratando de elementos e temas regionais que se universalizam, transcendendo, conseqüentemente, para outras realidades e contextos (SICSÚ, 2019, p. 149)”.

Essa noção nos remete a Candido (2000, p. 139), que ao discorrer sobre as nuances da literatura brasileira já nos alertava: “há sem dúvida uma literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diferentes estados”. Sendo assim, a literatura infantojuvenil amazonense vem se construindo de acordo com o contexto histórico cultural amazônico, agregando elementos históricos e maravilhosos, típicos da região. Ou seja, toma como elementos constitutivos os mitos, as lendas, a floresta, os animais, as crenças, o saber popular e a representação do espaço amazônico (SICSÚ, 2019).

Nesse contexto, o mapeamento realizado por Simões (2013) revela um número expressivo de obras desse segmento publicadas no Amazonas. De acordo com a estudiosa, foram lançados entre o período de 1982 a 2012 cerca de 114 livros de 48 escritores/as. Destes, apenas seis autores são indígenas que juntos acumulavam um total de 19 narrativas publicadas entre 2001 a 2012. Além disso, o dicionário de narrativas infantojuvenis produzido por Simões (2013) confirma que grande parte dessas obras, que são as de autoria não indígena, buscam tematizar o espaço amazônico, enfatizando as narrativas de tradição oral (reescrita ou adaptações de histórias do “folclore”, de fábulas, lendas e mitos dos povos indígenas), bem como narrativas de ficção com ambientação ou temática regional. Atualmente acredita-se que o número de obras infantojuvenis de autoria indígena e não indígena amazonenses seja muito maior.

Em relação à justificativa de direcionar os livros ao acriançado. No caso dos autores/as indígenas amazonenses que começam a produzir paralelamente aos autores não indígenas, a justificativa se coaduna e vai mais além: o desejo de se tornarem porta-

vozes de sua gente e escreverem suas próprias histórias, sem intermediadores e tutela, foi o que os motivou a transpor para o impresso a sua própria literatura e direcioná-la estrategicamente para os públicos infantil e juvenil nacional e local, principalmente aos não indígenas a fim de manterem um diálogo com a sociedade hegemônica a partir de sua base e desfazer preconceitos e estereótipos sobre os povos originários. Ou seja, para os autóctones não foi apenas uma necessidade de tematizar o espaço amazônico, mas principalmente de resistir, sobreviver, fortificar e salvaguardar os seus saberes tradicionais.

Nesse ínterim, vale recordar que desde os séculos XVI e XVII, o espaço amazônico, suas paisagens, animais, rios, florestas e habitantes foram constantemente retratados e representados para sociedade “civilizada” através do olhar do estrangeiro. Consequentemente, os mitos, lendas e fábulas dos povos indígenas que se entrelaçam intimamente com esse cenário foram alguns dos principais aspectos explorados pelos viajantes/cronistas europeus que realizaram incursões por essa região.

Segundo Telles e Graça (2021), alguns dos relatos dos estrangeiros que se sobressaem são: *O descobrimento do rio Orellana*, de frei Gaspar de Carvajal, que registra a presença dos indígenas nas margens do rio Amazonas no século XVI e *Novo descobrimento do grande rio das amazonas*, escrito em 1639 por Cristobal Acunã. Já no século XVIII, dois documentos se destacam: *Tesouro descoberto do máximo rio Amazonas*, do padre João Daniel e *Viagem filosófica*, de Alexandre Rodrigues Ferreira.

Essas obras têm valor testemunhal sobre um tempo e um espaço em processo de amoldamento e domínio. Destacam-se, sobretudo, por compor o que poderíamos chamar de uma literatura amazônica de expressão indígena, pelos registros textuais e imagéticos sobre os costumes, a constituição física, o vestuário, a religiosidade e as manifestações culturais das populações indígenas que viviam na região nesse período, muitas desaparecidas (TELLES; GRAÇA, 2021, p. 680).

Nessa esteira, destaca-se ainda o trabalho do cientista João Barbosa Rodrigues, que se estabeleceu em Manaus na segunda metade do século XIX e coletou diversas narrativas míticas dos povos indígenas e histórias do lendário ribeirinho e fixou no livro intitulado *Poranduba amazonense*, “um pequeno tesouro das gentes dos rios com suas memórias e tradições (TELLES; GRAÇA, 2021, p. 680)”.

De acordo com Marcos Krüger (2017), é um trabalho que mapeia o folclore amazônico; entretanto, há que se considerar que, dentre as narrativas coletadas por Rodrigues (2017), há também muitas que se relacionam com a mitologia indígena.

De acordo com o entendimento que temos sobre o assunto, os mitos constituem a expressão narrativa das sociedades indígenas, ao passo que o folclore expressa o conhecimento de outro segmento populacional: o dos caboclos que vivem à margem dos rios e dos lagos (KRÜGER, 2017, p. 14).

O esclarecimento de Krüger (2017) sobre a diferença dessas duas expressões é bastante significativo, visto que frequentemente as mitologias indígenas vêm sendo

apresentadas e lidas, por exemplo, como folclore nas escolas, desespiritualizando as entidades míticas e desconfigurando a concepção de mundo dos povos originários.

Consequente, no século XX, como explicam Telles e Graça (2021), diversos estudiosos também percorreram a região amazônica e escreveram importantes contribuições sobre o que viram, a partir do convívio com os nativos, observando sua cultura, sua relação com a natureza e, principalmente, seus mitos.

Parte deles era de estrangeiros, que legaram obras fundamentais para o país: Koch-Krunberg (*Do Raraima ao Orenoco*) e Curt Nimuendaju (*Os apinayé, Mapa etno-histórico*) – alemães; Ermanno Stradelli (*Vocabulário -Nheengatu-Português e Português-Nheengatu*) – italiano, só para citar alguns. Entre os brasileiros, Nunes Pereira ocupa lugar destacado pelas suas pesquisas sobre as populações indígenas da Amazônia. *Moronguetá – um decameron indígena* é uma fonte inesgotável de sabedoria e encantamento das etnias amazônicas (TELLES; GRAÇA, 2021, p. 681).

Apesar da importância de muitos desses textos que falam do espaço amazônico e dos saberes tradicionais indígenas, nota-se que não é a voz de quem realmente conhecia e pertencia a esse cenário e vivia essa cultura, mas do homem “branco” que traz na maioria das vezes apenas uma visão exótica desse espaço e seus habitantes. Dito de outro modo, ao ressaltar brevemente essas obras, nossa intenção é mostrar que desde o princípio a região amazônica foi retratada, ou inventada, pelo estrangeiro/colonizador, ou seja, outrem não indígena que muitas vezes acabou disseminando preconceitos e estereótipos sobre as sociedades indígenas amazônicas (GONDIM, 2007).

Todavia, quando os próprios indígenas passam a escrever sobre suas culturas, seu cotidiano, costumes, crenças e espaço onde vivem, eles nascem para a história e sua realidade começa a mudar, pois como ressalta Guesse (2014, p. 137):

Ao escrever, o índio se assume como sujeito de sua História e de suas histórias/ narrativas; passa a ser apresentado à sociedade civilizada a partir de seu próprio olhar de índio e através da apropriação dos meios modernos, como o livro, por exemplo.

Nesse sentido, vale lembrar que em 1980 aconteceu um fato importante e histórico para a preservação do imaginário indígena amazônico. Os desãna Umúsim Panlón Kumu (Firmiano Arantes Lana) e Tolamã Kenhíri (Luiz Gomes Lana) publicam a obra *Antes o mundo não existia*, que inaugurou no Amazonas e no Brasil uma nova tradição literária, como enfatizam Telles e Graça (2021, p. 681-682):

Firmiano e Luiz Lana inauguram uma nova tradição na literatura brasileira: a presença dos escritores indígenas testemunhando e inscrevendo na tradição cultural brasileira a memória de seus povos. Essa experiência teve consequências e novos autores indígenas surgiram no Amazonas, com obras que registram os relatos das tradições míticas de suas etnias: *Mitologia Tariana*, de Ismael Tariano; *Mito Tukano – quatro tempos de antiguidade* – Gabriel dos Santos Gentil; *Maraguápéyára – história do povo Maraguá*, dos jovens maraguás Yaguarê Yamã, Elias Yaguakãg, Uziel Guaynê e Roni Wasiry

Guará; Bayá, kumu yáí – os pilares da identidade indígena do Uaupés, de Põrõ Israel Fontes Dutra e seu pai Yuhkuro Avelino Dutra, da etnia Tuyuka. O livro Canumã – romance mundurucu, de Ytanajé Cardoso, segue essa trilha.

A partir da publicação de *Antes o mundo não existia* (1980) – que conforme Krüger (2011, p. 49), “é uma oposição, ainda que tardia, ao colonialismo que destruiu as culturas nativas” – a literatura indígena escrita nasce e se ramifica para outras regiões do Brasil. Nos anos que se seguem os autores/a indígenas que surgem continuam enfrentando muitas dificuldades para publicar suas narrativas. Somente em meados da década de 1990 é que um indígena consegue publicar novamente uma obra literária com projeção nacional, mas dessa vez dentro do segmento da literatura infantojuvenil. Trata-se de Daniel Munduruku, com o livro *Histórias de índio* (1996).

Diante disso, a literatura indígena para crianças e jovens começa a ganhar mais espaço no mercado editorial brasileiro. Para Daniel Munduruku – que possui 57 livros publicados, a maioria voltados para o acriançaço – o público infantil e juvenil pode fazer a diferença, construir um mundo mais consciente e menos preconceituoso.

Se desejarmos que se mude algo, temos que pensar nas crianças e nos jovens. Escrever para crianças é uma estratégia de atingir a mente em formação dessas pessoas que não fazem acepção de pessoas ou ideias. Este é o motivo básico que nos impulsiona a direcionar para as crianças e os jovens nossa produção literária<sup>3</sup>.

No Amazonas, porém, Simões (2013) nos diz que de modo geral, somente quando se começa a desenvolver um contexto editorial sólido, preocupado, entre outras coisas, em diminuir a “ausência” da literatura amazonense no cenário nacional, é que se estabelecem as condições necessárias para a abertura em busca de novos públicos para os livros produzidos no Amazonas, entre estes, o promissor público consumidor infantil e juvenil.

Destarte, como dito antes, paralelamente aos autores não indígenas que passam a publicar títulos voltados para crianças e jovens no Estado e impulsionados pelo pioneirismo de Daniel Munduruku no macro cenário literário brasileiro, aparece um grupo de escritores/as indígenas no Amazonas que também escrevem a partir de seu contexto histórico e social, trazendo à baila o modo de ver e pensar o mundo na perspectiva dos povos indígenas. Alguns deles são: Yaguarê Yamã, Lia Minapoty, Elias Yaguakãg, Roní Wasiry Guará (Maraguá), Tiago Hakiy (Saterê-Mawé), Bete Moraes e Jaime Diakara (Desana), só para citar alguns que têm se projetado nos espaços acadêmicos e no mercado editorial local e nacional com narrativas literárias que falam dos indígenas, sua cultura e seus modos de ver e pensar o espaço amazônico e o mundo.

De acordo com o mapeamento realizado por Francisco Santos (2020), que se debruçou em estudar a formação do campo literário indígena no Amazonas. Atualmente, cerca de 78 narrativas já foram publicadas por um número considerável de autores/as

3 Entrevista de Daniel Munduruku concedida à revista Trip. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/e-possivel-dizer-que-existe-literatura-indigena>>. Acesso em: 31 jan. 2023.

indígenas e etnias (considerando que esses livros são publicados de forma coletiva e individual). É relevante dizer que muitas dessas obras são destinadas as crianças e jovens.

Ainda segundo o pesquisador, o número de textualidades indígenas, vistas pelo prisma quantitativo, pode parecer pequeno, mas é preciso lembrar que a colonização na Amazônia ainda não foi superada. Nesse sentido, a literatura indígena amazonense, ainda que timidamente, vem sendo uma das principais ferramentas promotora de reversão dessa realidade.

Os povos indígenas do Amazonas cada vez mais se sentem representados na escrita. Seus mitos, as histórias de hoje e de antigamente estão sendo registradas por quem de fato convive e conhece a realidade das etnias. As obras são lidas por leitores diversos, isto é, a literatura indígena está chegando aos espaços do saber. A luta pelo reconhecimento da propriedade intelectual indígena é árdua. Os escritores sabem disso e não se curvam, querem seu direito à fala, e estão falando por meio da literatura (SANTOS, 2020, p. 66).

Resumidamente, observa-se que não são apenas os autores/as não indígenas que se preocupam em mostrar, por meio da literatura infantojuvenil, a Amazônia e tudo que ela suscita, mas também os indígenas que, para além disso, vem se tornando agentes de suas próprias vozes e se lançando no mercado editorial a fim de mostrar sua identidade e revalorizar as histórias tradicionais e mitos de seus povos que são muito marcantes nessa região. Assim, chamamos a atenção para a produção literária de Yaguarê Yamã, que atualmente é um dos principais representantes deste movimento no Amazonas.

## **PURATIG – O REMO SAGRADO E O INÍCIO DA LITERATURA INDÍGENA PARA CRIANÇAS E JOVENS NO AMAZONAS**

Da lista anteriormente apresentada dos escritores/as indígenas do Amazonas que já publicaram livros para o público infantojuvenil, Yaguarê Yamã figura como um dos mais talentosos e prolíficos. Publicou em 2001 sua primeira obra intitulada *Puratig: o remo sagrado*. Trata-se de uma narrativa genesíaca, simbólica, colorida e cheia de espiritualidade, onde as ilustrações – feitas pelo próprio autor, Queila da Glória e crianças Saterê-Mawé – interagem com a palavra impressa e levam os leitores a conhecerem a cosmovisão do povo Saterê-Mawé, também conhecido como o “povo do guaraná”.

Além disso, importa frisar que *Puratig – o remo sagrado* (2001) também faz parte de uma das primeiras coleções de livros infantojuvenis de autoria indígena do Brasil coordenadas por Daniel Munduruku. Trata-se da Coleção Memórias Ancestrais<sup>4</sup>, da Editora Peirópolis, que foi lançada no começo do ano 2000 com o objetivo de valorizar os saberes ancestrais e narrativas míticas dos povos indígenas brasileiros, abrindo portas para que

---

4 Além de *Puratig – o remo sagrado* (2001), a Coleção Memórias Ancestrais contou com três outras obras infantojuvenis de autoria indígena, apontadas de maneira cronológica a seguir: *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos* (2001), de Daniel Munduruku; *Irakisu: o menino criador* (2002), de Renê Kithãulu; e *Verá, o contador de histórias* (2003), de Olívio Jekupé. Nos anos seguintes, esses livros conquistaram importantes prêmios literários e fizeram parte do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) 2005. Cf.: <https://www.editorapeiropolis.com.br> Acesso em: 30 jan. 2023.

outros livros indígenas fossem publicados.

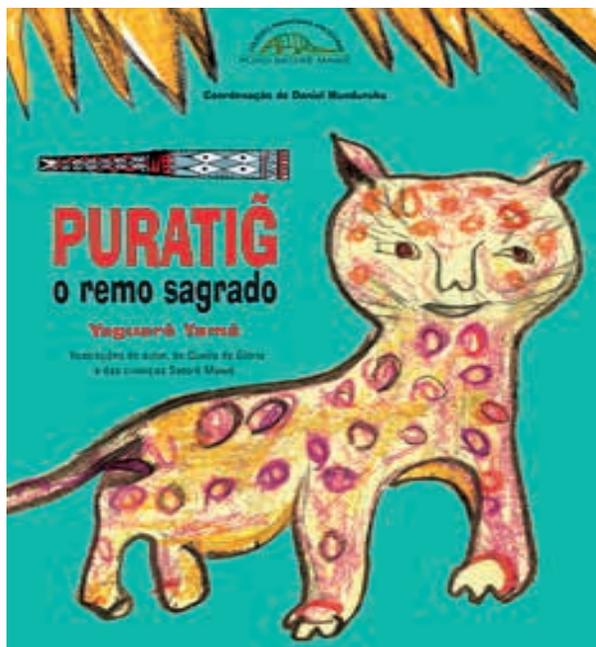


Figura 1: Capa da primeira edição do livro *Puratig – o remo sagrado* (2001)

Supomos que *Puratig – o remo sagrado* (2001) (Figura 1) inaugurou a literatura infantojuvenil de autoria indígena contemporânea no Amazonas, pois antes dele não se tem registro de nenhum outro livro classificado com esse gênero no Estado. Além disso, a importância desta obra está no fato de que é o próprio indígena resgatando, recriando e recontando as mitologias e demais histórias tradicionais de seu povo, ou seja, não é a voz do estrangeiro falando pelos filhos e filhas dessa terra, mas a de quem realmente vive essa tradição ancestral. Para Monteiro (2014, p. 142), a própria escolha do título de *Puratig* “deseja enfatizar a sacralidade dos mitos e saberes que conformam a tradição”.

Nessa direção, Julie Dorrico (2015) ao retomar os estudos de Guesse (2011) sobre as características da literatura indígena enfatiza:

[...] a literatura indígena contemporânea tem como uma de suas características centrais o fato de tomar os mitos indígenas – antes transmitidos de geração em geração como tradição milenar através da oralidade – e recriá-los, dando a eles uma dimensão estética e conferindo-lhes um caráter literário, na medida em que são escritos, editados e publicados em forma de livros, para serem lidos tanto por um público indígena quanto por um público “branco”, mesmo que seja em menor escala. A recriação do mito – de caráter oral – no impresso, já assume uma concreta dimensão estética, o que, em grande medida, nos convida a refletir sobre o avanço conquistado pelos povos indígenas no quesito da afirmação da sua identidade e da criação de sua própria literatura, através da ferramenta escrita, tida secularmente como superior e que teria sido a base epistemológica e política para a marginalização das culturas

Yaguarê Yamã busca resgatar em *Puratig – o remo sagrado* (2001) (assim como em várias outras de suas obras) as mitologias de seu povo e adapta-as, com uma linguagem simples e acessível para crianças e jovens (SILVA, 2018), numa tentativa estratégica de fazer com que esse público, tanto indígena como não indígena, (re)conheça essas histórias e não as deixem desaparecer com o tempo e a morte dos anciões que são os principais portadores desses saberes milenares, garantindo a sobrevivência e manutenção da tradição ancestral de sua etnia, como podemos compreender com as palavras do próprio autor no texto de apresentação da obra:

Amiguinhos, desde quando eu era um indiozinho que vivia feliz na minha aldeia, sempre queria ouvir as histórias antigas do meu povo, e apreciava muito ouvi-las. Procurava compreendê-las direitinho para depois passar para os meus descendentes esse conhecimento, do mesmo modo que meus pais e meus tios passaram para mim e meus avós para eles (YAMÃ, 2001, p. 7).

Esta assertiva nos remete a Graça Graúna (2013, p. 23), que diz que a questão da especificidade da literatura indígena contemporânea brasileira implica um conjunto de vozes entre as quais os autores/as procuram testemunhar a sua vivência e transmitir “de memória” as histórias contadas pelos mais velhos de suas aldeias. No caso de Yaguarê Yamã, a auto-história entrelaçada ao reconto e adaptações dos relatos míticos de seu povo para os infantes são alguns dos aspectos intensificadores de suas narrativas. Martha (2012, p. 331) diz que, “como os demais autores indígenas, Yamã narra as memórias de sua nação como forma de preservação da cultura e do imaginário indígenas [...]”.

Ainda no texto de apresentação de *Puratig – o remo sagrado* (2001), Yaguarê Yamã explica que a obra reúne mitos que contam histórias de um tempo em que seus ancestrais conviviam com animais extraordinários que falavam e tinham poderes e as plantas e ervas curavam instantaneamente. Um mundo verdadeiro, criado e regido pelos seres divinos onde o povo Saterê-Mawé se desenvolveu. Como podemos observar a seguir:

Por isso tenho o prazer de contar a vocês neste livro algumas histórias do meu povo, os mitos narrados pelos homens mais velhos e pelo pajé Karumbé, que surgiram nos tempos mais antigos e foram preservados de geração a geração até os dias atuais. Mitos que contam de um tempo em que meus antepassados conviviam com animais fabulosos que falavam e tinham poderes; de um tempo em que as plantas e ervas curavam instantaneamente; do tempo em que os Grandes Espíritos criaram o mundo onde o meu povo se desenvolveu, liderado por nossos bravos heróis (YAMÃ, 2001, p. 7).

Segundo Graúna (2013), essa narrativa traz a energia vital das palavras ancestrais através dos mitos que revelam a origem do mundo e do povo Saterê-Mawé. Ainda conforme a estudiosa, a história é conduzida por dois personagens narradores: Karumbé – que configura a voz ancestral, o ancião contador de histórias; – e o narrador “aprendiz” – visto como discípulo, expectador, ouvinte que avança apoiando-se nos conselhos de Karumbé

durante a narrativa, “[...] identificando-se com o coletivo, isto é, os parentes da aldeia, onde todos se juntam aos pés dos mais velhos para ouvir a história de seu povo (GRAÚNA, 2013, p. 141)”.

Diante disso, a história inicia-se com o segundo narrador personagem descrevendo o espaço da narrativa que leva os leitores a conhecerem um pouco do cotidiano dos Saterê-Mawé na aldeia: “Na minha aldeia, que fica lá dentro da floresta amazônica, numa região muito distante [...] as crianças gostam muito de se divertir, especialmente de brincar de pular na água e ouvir histórias” (YAMÃ, 2001, p. 8). De acordo com Graúna (2013), na narrativa a palavra é vista como uma arma, pois o ato de ouvir e contar histórias passadas de geração a geração pelos mais velhos é uma maneira de tentar garantir a manutenção e sobrevivência da tradição oral dos povos indígenas. Este ato é ilustrado da seguinte maneira em *Puratig – o remo sagrado* (2001):

Quando chega a noite, do mesmo modo que faziam seus antepassados, o velho caminha para uma das casas cobertas de palha e senta-se numa das redes. Então, o pessoal da aldeia e as crianças se aproximam e sentam aos seus pés, sob as lamparinas acesas, para ouvir as histórias e aventuras do nosso povo. [...] A lua aparece bonita e ilumina a aldeia. Todos fazem silêncio e esperam ansiosos o velho começar sua narrativa. Ele baixa a cabeça, respira fundo e começa a contar... (YAMÃ, 2001, p. 8-9).

Essa espécie de “ritual” narrado pelo segundo narrador de *Puratig – o remo sagrado* (2001), abre passagem para o mundo das origens habitado e protagonizado por múltiplos deuses e encantados da natureza (GRAÚNA, 2013). Assim, a história se desenvolve, e Karumbé – a voz ancestral da narrativa – passa a narrar a origem do mundo, a origem do guaraná, a origem dos Mawé, a origem dos clãs, entre outras histórias que remetem a vivência do próprio autor quando era criança no coração da Amazônia e ouvia dos anciões de sua aldeia os relatos míticos gravados no *Puratig*, “[...] o bastão sagrado, relator dos mitos e passagens dos tempos mais antigos, instrumento de poder e símbolo maior [...]” (YAMÃ, 2001, p. 34) do povo do guaraná.

O livro termina com um texto informativo sobre quem são os Saterê-Mawé, o território onde vivem, bem como um glossário que apresenta o significado de alguns termos das línguas Sateré e Nheengatu que se misturam a língua portuguesa no decorrer da obra, evidenciando seu caráter híbrido. Essa também é uma importante estratégia de Yamã para manter a língua originária do seu povo viva.

É importante dizer que desde a publicação de *Puratig – o remo sagrado* (2001), Yaguarê Yamã já lançou, tanto individualmente quanto em parceria com outros autores/as, cerca de 35 livros, a maioria classificados como infantojuvenis, alguns com destaque no âmbito nacional e internacional. É o caso de *O caçador de histórias* (2004), que obteve o selo Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ e *Sehaypóri* (2007), selecionado pelo catálogo *White Ravens* para a biblioteca de Munique e Feira de Bolonha. Estes prêmios servem como exemplos do reconhecimento da qualidade

estética e importância das obras do referido autor.

Diante do que foi brevemente discutido, observamos que a produção de uma literatura de autoria indígena destinada a crianças e jovens no Amazonas é uma realidade que vem a cada dia sendo construída, configurando um campo literário diversificado que vem cada vez mais conquistando um espaço no mercado editorial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos tópicos que compõem esse trabalho, apresentamos breves considerações sobre o surgimento da literatura indígena no Amazonas, com ênfase nas obras destinadas ao público infantil e juvenil. Em seguida, discorreremos sobre o livro *Puratig - o remo sagrado* (2001), de Yaguarê Yamã, que supomos ter inaugurado a literatura infantojuvenil indígena contemporânea no Amazonas.

A obra de Yamã resgata e adapta as mitologias do povo Saterê-Mawé para crianças e jovens, numa tentativa estratégica de fazer com que esse público, tanto indígena como “brancos”, (re)conheçam e valorizem essas histórias e não as deixem desaparecer com a morte dos mais velhos das aldeias que são os principais portadores desses conhecimentos milenares.

Não visamos, ao tecer considerações sobre esse livro, fazer uma análise exaustiva de sua estrutura e conteúdo, mas evidenciar a sua importância na história da literatura de autoria indígena produzida no Amazonas. Assim, tentamos ainda deixar claro que os escritores e escritoras da floresta não escrevem apenas para crianças e jovens, mas compreendem que esse é um dos melhores caminhos para desfazer preconceitos e estereótipos sobre os povos originários implantados no imaginário da sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2000.

DORRICO, Julie. **Autoria e performance nas narrativas míticas Amondawa**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Fundação Universidade Federal de Rondônia/ UNIR. Porto Velho, Rondônia, 2015.

GONDIN, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2007.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da Literatura Indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GUESSE, Érika Bergamasco. **Shenipabu Miyui: literatura e mito**. Tese (Doutorado em Estudos Literários). – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2014.

KRÜGER, Marcos Frederico. **Amazônia: mito e literatura**. 3ª ed. Manaus: Editora Valer, 2011.

KRÜGER, Marcos Frederico. Poranduba, um rio de histórias. In: **Poranduba Amazonense**. Manaus: Editora Valer, 2017.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. Autoria indígena na produção infantojuvenil contemporânea. In: **Anais do Seminário Internacional de História da Literatura**, v. 1, p. 324-334, 2012. Disponível em: <https://www.ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-7/Trabalhos/3.pdf> Acesso em: 15 dez. 2022.

OLIVEIRA, Alice Bicalho de. **Fábrica da Floresta**: a edição de livros indígenas como prática orgânica. Tese (doutorado em Letras: estudos literários). – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

RODRIGUES, João Barbosa. **Poranduba Amazonense**. Org. TELLES, Tenório. Manaus: Editora Valer, 2017.

SANTOS, Francisco Bezerra dos. **Uma poética da floresta**: a narrativa indígena no Amazonas. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2020.

SICSÚ, Delma Pacheco. **Contos e encantos na literatura infantojuvenil amazonense**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2019.

SILVA, Thiago Muniz da. **Um curumim na Amazônia**: as representações da cultura indígena em Yaguarê Yamã. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Cultura) Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, Rio Branco, 2018.

SIMÕES, Lucila Bonina Teixeira. **Literatura infantojuvenil**: compondo um panorama da produção amazonense. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2013.

TELLES, Tenório; GRAÇA, Antônio Paulo. **Estudos de literatura do Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2021.

YAMÃ, Yaguarê. **Puratig – o remo sagrado**. São Paulo: Peirópolis, 2001.